

## O POÉTICO E A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO<sup>1</sup>

Diego Felipe Muniz Garcia

Universidade Federal de Rondônia

[diegomuniz@ufrj.br](mailto:diegomuniz@ufrj.br)

Eixo VII – Educação, diversidade e formação humana: gênero, sexualidade, étnico racial, justiça social, inclusão, direitos humanos e formação integral do homem.

### RESUMO

O presente trabalho apresentará a conferência realizada no Seminário de Literatura: diversidade, inclusão e outras leituras literárias, apresentado em 04 de maio de 2018 no SESC Rondônia. Consta de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, na qual o objetivo foi expressar uma discussão atual sobre o poético e a construção do masculino. Nesse sentido, o texto discorrerá sobre a leitura de algumas obras poéticas e a descrição das identidades de gênero em relação ao Eu lírico comumente utilizado por autores da segunda geração da escola romântica (1850-1860) e por Chico Buarque como autor da contemporaneidade. A marcação mais objetiva do trabalho será a representação masculino e do feminino poético, instrumento literário que ilustra formas de comportamento social, de lucidez humanizada e respeito à diversidade. Entende-se que a promoção da literatura e o respeito à diversidade são compreensões possíveis entre os mais variados sujeitos, nos mais variados aspectos sociais, nos mais diversos espaços. Essa é uma aposta que pretende incentivar o cultivo da literatura e da reflexão poética que deve ser oferecida a todos os sujeitos sociais a partir da escola, da família e da própria comunidade que é quem produz o tema e o conteúdo de uma série de trabalhos. A discussão perpassará explicações sobre a expressão de gênero a partir de uma ótica pós-estruturalista, recente, a qual tem colaborado com o material produzido na pesquisa em educação de diversas pesquisadoras e diversos pesquisadores do nosso tempo. A conclusão é que essa produção literária pode ser utilizada como instrumento garantidor de direitos e deveres em se tratando do respeito à diversidade.

**Palavras-chave:** Poesia. Gênero. Subjetividade. Literatura. Diversidade.

*“És bela – eu moço; tens amor – eu medo!”*

---

<sup>1</sup> O POÉTICO E A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO é o título de uma conferência que realizei em 04 de Maio de 2018 em um auditório no SESC Rondônia em celebração do Dia da Literatura Brasileira. A ocasião era um Seminário de Literatura organizado por Flávio Paz e realizado em parceria à Biblioteca Municipal Francisco Meirelles e o SESC – RO.

## INTRODUÇÃO

Antes, pois, é preciso me desculpar caso o presente texto cause algum desconforto aos senhores e senhoras: apesar de se tratar de uma obra produzida por um acadêmico, é importante esclarecer que não estarei preso aos limites impostos pelas excessivas normas científicas. Propositamente escolhi utilizar o verbo na 1ª pessoa do singular, e essa é uma estratégia política já adotada pelas mulheres que buscavam emancipação intelectual na segunda metade do século XX; mas, escolhi, sobretudo, porque essa é uma discussão ímpar em que estou primeiro dialogando com o meu próprio eu para, em seguida, poder informar-lhes. Isto posto, sigamos...

Comemora-se no Brasil, em 1º de Maio, o Dia da Literatura Brasileira. Por esse motivo, há algum tempo antes desta data, recebi o convite do Profº. Flávio Paz para compor uma mesa que discutiria sobre Gênero e Literatura. O evento em questão foi o Seminário de Literatura e aconteceu em dois momentos distintos: no dia 03 de Maio de 2018 foi realizado na Biblioteca Municipal Francisco Meirelles em Porto Velho – RO; já no dia seguinte aconteceu em um auditório no SESC Esplanada – também na capital rondoniense. Eu estava em uma viagem ao Rio de Janeiro, fato que me obrigou a participar da mesa de encerramento no dia 04 de Maio de 2018.

Nesse texto, irei discutir acerca do que foi falado aos convidados e inscritos presentes na ocasião. Não se trata de um texto científico, no entanto, será possível verificar que durante o percurso surgirão alguns problemas, traços metodológicos, hipóteses, justificativas, referências e mais outros elementos estruturantes comuns aos textos acadêmicos.

Lembro que, em 2015, enquanto plateia de uma conferência proferida pelo Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dr. Roberto Leher, surgiu-me uma inquietação que até hoje permanece em mim. Leher falava sobre a crise no capitalismo e, em algum momento, acabou citando Paulo Freire como um intelectual acadêmico e poético. Era bem verdade, sobretudo porque Paulo Freire foi um intelectual múltiplo: era como o título de um documentário produzido pela BBC sobre Nietzsche – Humano Demasiado Humano.

O que quero dizer, na verdade, é que irei tratar do “poético e da construção do masculino” tentando estabelecer um diálogo entre o texto literário, o texto científico e outras experiências sociais. Essa tentativa visa contemplar o tempo que foi concedido à fala que proferi, pois, a

literatura me oferece uma liberdade plena para que eu apresente ideias, conceitos, suposições, sentimentos e expectativas; o texto acadêmico, por sua vez, me restringe: apesar de oferecer uma estrutura como disse anteriormente, esse tipo de texto acaba sendo muito frio, mecânico, marcado por um cientificismo que não me interessa agora; já as experiências sociais serão o retrato das minhas ações e das ações que tenho observado cotidianamente.

Logo, não preciso ficar preocupado em apresentar uma centena de outros teóricos que já discutiram sobre o poético, sobre o masculino, sobre a linguagem, sobre o científico, sobre o social etc. Todavia, a minha preocupação ainda existe: as referências serão sempre respeitadas, mais ainda porque sem elas eu não teria como escrever essa proposta.

A seguir, irei separar o texto em três breves seções: a primeira irá discutir a segunda geração (ou segunda fase) da escola romântica no Brasil (1850-1860) – basicamente será tratada a importância de Álvares de Azevedo (1831-1852) e Casimiro de Abreu (1839-1860) enquanto os poetas mais “subalternos” desta escola; posteriormente lançarei um espaço em que será discutida a importância do nosso contemporâneo Chico Buarque e suas criações carregadas de um Eu lírico feminino; e, para encerrar, algumas considerações acerca da importância da poesia (do poético) na construção de um masculino humanizado, de “novo tipo”, acessível, solidário e prazeroso.

## **ÁLVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU: A GERAÇÃO MAIS FEMININA DOS POETAS ROMÂNTICOS**

Falei anteriormente que a discussão apresentará indícios sobre o que é o masculino e, inversamente, como o subtítulo acima, sobre o que é o feminino. Acredito que seja muito mais adequado partir da conceituação dessas expressões presentes entre os gêneros.

Muitos são aqueles e aquelas que se preocuparam em definir o que significaria *gênero*. Entre estes (as) estão cientistas sociais, antropólogos (as), filósofos (as), historiadores (as), linguistas, biólogos (as) e tantos (as) outros (as). A definição que mais representa o meu pensamento é a definição pós-estruturalista apresentada por Guacira Lopes Louro (1997, p. 19) ao dizer “que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”. Segue Louro (1997, p. 20) apregoando que “a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos”.

Pode-se dizer que, antes das manifestações sufragistas (feministas), inclusive na literatura, as mulheres eram direcionadas às mais variadas subalternizações possíveis. Condição que não se colocava diferente em meados do século XIX: o patriarcado, o excesso do machismo e a heteronormatividade eram representações obrigatórias aos homens.

Em muitos lugares do mundo o homem se colocava (e ainda se coloca) ao centro das ações: era o homem que determinava, que conduzia, que impunha o que era certo ou errado. Ser homem era estar recheado de funções e significados não possíveis às mulheres. Portanto, é nesse sentido histórico, cultural, social e político em que se pode definir o que significa masculino e feminino.

Louro nos apresenta o gênero como instância constitutiva da identidade. Essa *identidade de gênero* está ligada à subjetividade de cada indivíduo: por mais que ela seja entendida nesta linha teórica como algo construído socialmente, pode-se saber que ela irá explicar como cada indivíduo se enxerga perante o outro. Da identidade irá se derivar o que é chamado de *expressão de gênero*: que seria o modo como cada identidade se apresenta ao mundo, ao outro – está muito ligada à maneira como cada indivíduo se veste, se movimenta, se comporta, age etc. Essa união entre identidade e expressão de gênero, a qual irá nos permitir uma construção subjetiva de valores sociais e morais, por exemplo, é que nos faz sentir estranheza quando uma mulher cospe, anda sem camisa na rua ou acaba se relacionando afetiva e sexualmente com muitas pessoas – pensamos, ao contrário, sobre os homens: estranho são aqueles homens que não cospem, que não andam sem camisa e se relacionam com poucas pessoas.

Histórica, social, cultural e politicamente foi sendo definido o masculino e o feminino: os espaços, as funções, os direitos, as obrigações, os limites e os interesses de um e de outro estão muito bem marcados dado o tempo e o local em que se organizam estes corpos. O masculino de uma cidade russa pode não ser o mesmo que um masculino aqui no Brasil; o feminino do século XIX não é entendido como sendo o mesmo feminino do século XXI. O feminino e o masculino, portanto, estarão respondendo às tendências de cada época, de cada região e de cada cultura – eles são, então, sempre algo em constante transformação.

O Romantismo no Brasil se consolida com poetas homens, masculinos sociais, o que caracteriza a escola literária e a produção poética deste tempo. Dentre eles dois grandes nomes: Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

Dois homens que nasceram em famílias abastadas, donas de terras e comércio. Eram filhos de famílias tradicionais e, comum à época, essas famílias (geralmente os pais) ditavam o futuro que seus filhos seguiriam. Rompendo com essa tradição familiar, com o *ethos*, ambos foram se introduzindo nos estudos literários das escolas anteriores e também nos movimentos artísticos de influência do Ocidente.

Em minha conferência resolvi esclarecer com ênfase o papel de Casimiro. Não que Álvares de Azevedo seja menos relevante, ao contrário. Ressaltei Casimiro de Abreu por pura conveniência e aproximação afetiva à produção dele.

Para dar esse destaque, comecei a relatar algumas características da segunda geração da escola romântica: disse, na ocasião, que os pressupostos desta geração estavam comprometidos com a superação de uma primeira fase que se apresentava com fortes indícios indianistas e nacionalistas (e Gonçalves Dias foi o principal nome desta primeira geração).

Tanto Casimiro como Álvares produziram obras que são consideradas por muitos produções ultrarromânticas: nesse sentido, é possível verificar que as obras apelavam de maneira pontual ao subjetivismo, ao excesso de metáforas, à fuga da realidade, à idealização da mulher, ao amor platônico e ao culto da emoção sensitiva. Não mais escreviam sobre as riquezas de uma terra em si, ou mesmo sobre um povo nativo de determinada região, mas sim se descreviam em comparação à mulher. Não era uma descrição simplesmente estética, de caráter ilustrativo ou simplificado: era uma descrição que continha um valor social, de relevância.

Essas evidências ficam bem nítidas, por exemplo, no poema “Amor e Medo” de Casimiro de Abreu. Projetado de modo que o público pudesse acompanhar, realizei a leitura deste poema que ultrapassava os limites aceitos pela sociedade daquele período. Era inaceitável que um homem se descrevesse como sendo alguém inferior à mulher mesmo que apenas na representação de um poema. Romper com esse conceito, com esse *habitus*, parecia ser mesmo a missão de homens tão sensíveis como esses dois poetas da segunda geração romântica.

Ilustrando o que foi dito, segue a primeira parte do poema “Amor e Medo” (Casimiro de Abreu, 1858):

## I

Quanto eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,  
Contigo dizes, suspirando amores:  
“– Meu Deus! que gelo, que frieza aquela.”

Como te enganas! meu amor é chama  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo é que te adoro louco...  
És bela – eu moço; tens amor – eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,  
Das folhas secas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me intumesce os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea – ao longe,  
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,  
Soprando um dia tornaria incêndio  
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz: – que seria da plantinha humilde  
Que à sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrara a planta qual queimara o galho,  
E a pobre nunca reviver pudera  
Chovesse embora paternal orvalho!

Apesar de ainda não ser um poema em que o Eu lírico se apresenta no feminino, está claro que o interesse do autor é se colocar sempre em uma posição inferior, na posição de quem ama de maneira exagerada, de quem é capaz de sentir e demonstrar isso através das palavras e dos pequenos gestos, de quem sente medo por não ter coragem de enfrentar o amor pela amada. Não que amar fosse proibido, mas, amar e sensibilizar esse amor de modo que ele se assemelhasse ao amor de uma mulher por um homem, isso sim era. Esse amor com apelo romântico não era bem interpretado entre os homens (e, hoje, ainda não é).

Como eu disse na conferência: ainda bem que existiram dois homens capazes de expressar que o diálogo com o feminino interno que temos deve ser algo extremamente aceitável e útil à construção harmônica das relações sociais. Não significa anular o masculino que se apresenta no homem, mas, posicionar essas identidades e expressões de modo que elas sejam capazes de se encontrar sem qualquer hierarquização.

Tanto no século XIX como no XXI essas identidades são criações históricas, culturais, políticas e sociais, portanto, elas participam uma das outras: quando buscamos anular a uma delas, inevitavelmente, acabamos prejudicando a outra. Não se deve polarizar o gênero como este sendo o melhor (o mais privilegiado) e aquele outro não. Insistir nessa polarização significa enfraquecer uma parte constituinte dessa identidade, dessa expressão que se dá exatamente na possibilidade de existência com o outro que é diferente. Não fosse assim, certamente a existência seria a existência da reclusão: a subjetividade seria uma construção individualizada e se apelaria para o egocentrismo em demasia.

*“Como te enganas! meu amor é chama / Que se alimenta no voraz segredo, / E se te fujo é que te adoro louco... / És bela – eu moço; tens amor – eu medo!”* Anunciei essa estrofe e o verso *“Tenho medo de mim, de ti, de tudo”* de modo a esclarecer essa fragilidade que domina o poeta romântico. A fragilidade, todavia, não o domina por ser romântico ou por ser masculino com características femininas; a fragilidade exposta pelo poeta, na verdade, é a fragilidade presente na condição humana – uma fragilidade sensitiva que se dá no sentido metafórico. Não é possível aceitar que exista algum ser humano no mundo que não sofra de fragilidade em determinado momento de sua vida. Seja na perda de um parente, seja na separação de um relacionamento, seja na mudança de um amigo para outro Estado, seja com o morrer da planta jovem ao jardim etc., em algum momento, todos nós seremos frágeis, mesmo que isso não seja demonstrado.

Para o homem-masculino, no entanto, a dificuldade parece ser aceitar e digerir essa fragilidade que é condição básica de todo ser humano. Afinal, o homem-masculino é projetado para um mundo em que ele deve representar o principal papel. Durante esse papel de “homem-macho”, a consolidação vai se dando progressivamente quanto menos ele for capaz de demonstrar os seus sentimentos e a sua fraqueza. Inversamente, quanto mais fraco, menos “homem-macho” se é.

Os poetas ultrarromânticos não estavam preocupados com isso. Talvez por conta da jovialidade de ambos, ou mesmo pela existência desse amor platônico que lhes transbordavam os corações, o comportamento desses poetas ultrapassava os limites da masculinidade em voga e se mostrava sem receios; mostrava, ousado dizer, o melhor lado que tinha: o lado que apenas a solidão e o papel podiam conhecer.

Uma experiência realizada no ano de 2017 pelo LEGESEX – UFRRJ<sup>2</sup>, grupo do qual eu faço parte, em uma unidade socioeducativa<sup>3</sup> do Rio de Janeiro, foi possível comprovar esse conflito que existe entre o poético (entendido como algo feminino) e o masculino. Foi perguntado aos jovens que cumpriam medida socioeducativa se eles gostavam de poesia. De maneira unânime todos eles disseram que não se interessavam por poesia “porque era coisa de mulherzinha” (sic). Em seguida foi perguntado quem gostava de “Negro Drama” ou “Diário de um Detento” do grupo Racionais Mc’s e todos se manifestaram positivamente como admiradores dessas músicas. Foi dito aos adolescentes que eles gostavam de poesia, pois, as músicas cantadas pelo grupo paulista eram poemas que representavam as condições periféricas e marginais da vida de um determinado grupo social.

Com base nessas questões podemos concluir que a poesia acaba se distanciando não porque é feminina ou masculina, mas porque ela precisa se relacionar histórica, cultural, social e politicamente com determinado grupo; a poesia precisa estabelecer relações com aquele a quem ela se direciona. E essa parece ser uma regra estabelecida pela própria cultura que segrega uma classe em detrimento do favorecimento de outra.

Se não há a promoção da poesia lírica, romântica, que presta sensibilidade a um determinado grupo (e a outras escolas literárias também), certamente que haverá um outro tipo de poesia que cumprirá esse papel. Em vez de uma proposta pedagógica que se apresenta como instância reflexiva, teremos uma outra que se apresenta como elemento de indignação e reação dada a realidade social de cada grupo. Não que isso seja um problema, ao contrário, é que quando supervalorizamos uma fração da arte em detrimento de outra impedimos que os indivíduos

---

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Jonas Alves no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Resultados apresentados em artigo intitulado *POLÍTICAS PÚBLICAS VERSUS PRÁTICAS SOCIAIS: GÊNERO, SEXUALIDADE E VIVÊNCIAS DE UMA UNIDADE SOCIOEDUCATIVA NO RIO DE JANEIRO*. Publicado em Out/2017 no Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ENECS) que foi realizado na Universidade de Brasília – UnB.



tenham acesso à diversidade que também existe na literatura, na composição artística, no mundo sensível etc.

### **EU LÍRICO FEMININO: uma prática em Chico Buarque**

Em paralelo às observações apresentadas sobre esta segunda geração da escola romântica, tentando estabelecer alguma relação que fizesse sentido, falei sobre o escritor contemporâneo Chico Buarque e a utilização do Eu lírico feminino em suas obras.

Essa foi uma escolha interessada em mostrar que a presença do feminino na poesia de uma escola cumpre um papel e, conseqüentemente, diferente naquela outra. Parece ser sempre uma superação, uma reinvenção, (re)adaptação ao período anterior. Com essa dinâmica se busca dar identidade à produção de determinado tempo, de determinado autor, de determinada escola.

Nesse sentido, apresentei algumas canções em que Chico Buarque teria utilizado o Eu lírico feminino, sendo ele um autor homem, interessado em mostrar a diversidade dos sentimentos que alguém pode sentir, bem como retratar angústias, sonhos, desejos e inquietações ligadas às mulheres.

A beleza mais fantástica da poesia parece ser essa liberdade que ela permite àquele (a) que escreve: nela se pode ser o que quiser, como quiser, quando quiser. É clássico esse sentido mais feminino do Chico, por isso mesmo muitos dizem que é “o homem que tem a alma mais feminina de todas”. Pode ser bem verdade que seja um homem de alma feminina, sobretudo porque já esclareci que essa questão do feminino e do masculino são condições que são construídas socialmente e por isso não há um limite para pensar a partir dela. Assim como um homem pode ter comportamentos femininos, desejos femininos e representações femininas, inversamente, pode uma mulher se comportar, desejar e agir masculinamente – retoma-se, portanto, que essas construções sociais são sempre construções que interessarão – mais ou menos – aos seres humanos em geral (sejam homens, mulheres, trans).

“Com açúcar, com afeto”; “Olhos nos olhos”; “Teresinha”; “Atrás da Porta”; “Folhetim”; e “O meu amor” são composições de Chico Buarque, por exemplo, que possuem a presença de um Eu lírico feminino denunciante. É esse Eu lírico que domina o desenrolar da canção, do poema, da maravilhosa dinâmica entre o sensível que fala e sensibilizado que ouve.

Sem receios o autor se populariza justamente por ser capaz de se transformar em um personagem dentro dele próprio, alguém detentor de múltiplas identidades em uma única

essência, uma única concretude. Essa metamorfose não anula o “homem-masculino” de Chico Buarque, ao contrário, ela acaba o fortalecendo, pois, quanto mais ele consegue dialogar com a diferença, mais um ser onilateral ele consegue ser. Essa completude do compositor pode ser percebida em outras canções, no entanto, a ideia foi equilibrar toda essa produção na ironia da contradição, e por isso apresentei uma outra canção intitulada “Feijoada Completa”:

“[...] Mulher, você vai fritar  
Um montão de torresmo pra acompanhar:  
Arroz branco, farofa e a malagueta;  
[...]  
Mulher, depois de salgar,  
Faça um bom refogado que é pra engrossar.  
Aproveite a gordura da frigideira  
Pra melhor temperar a couve mineira.  
[...]”.

Se nas canções ele se apresentava como alguém que despejava o Eu lírico feminino, agora, inversamente, ele se apresenta a partir de um Eu lírico masculino (ao menos é o que fica claro dado o contexto da canção); mais que um Eu lírico masculino: agora ele apresenta características de um “homem-masculino-machista”; um homem que cumpre o papel de ordenador, de liderança, de homem que exerce o poder sobre sua residência, sobre sua cônjuge.

Alguns críticos da obra de Chico Buarque dizem que ele foi muito machista, muito violento com a mulher colocando-a como uma serviçal, uma empregada. Todavia, pela vasta produção em que Chico denuncia o amor sensível por uma amada, pelas críticas que ele faz às diversas formas de opressão, pelo comportamento que ele tem perante as pessoas etc., não é possível acreditar que ele tenha tido essa intenção. O próprio autor já esclareceu que ele resolveu apontar um reflexo da sociedade em uma dessas letras e que sua composição era uma expressão real dos convívios sociais; sugeriu que essa reflexão pudesse ser utilizada como uma forma de indignação para tal condição que acaba oprimindo a mulher.

Fato é que na conferência essa discussão ficou clara e bem definida. Interessante ressaltar que, quando foi aberta a janela para perguntas do público, uma das pessoas convidadas perguntou sobre o papel das mulheres na poesia e como essa poesia vinha me ajudando como pessoa. A

minha resposta se comprometeu a esclarecer que, apesar de existir um grupo de mulheres com produção em alto nível, ainda assim os homens lideram o ranking dessa produção. Apontei nomes como Florbela Espanca, Cecília Meirelles, Carolina Maria de Jesus e outras artistas que também escrevem, pintam, atuam nos palcos e na televisão.

Seguindo, respondi que a poesia foi a minha salvação, na verdade. Ela não me ajudou a sair de um lugar e ir a outro para que depois eu voltasse; a poesia me deu uma identidade de fato. A partir da leitura de poemas, sobretudo dos poemas relacionados à segunda geração dos românticos, pude me constituir um novo homem; a partir dessa poesia romântica eu consegui interpretar o meu comportamento em relação às mulheres, aos homens e às pessoas de um modo geral. Consegui eliminar alguns preconceitos e alguns comportamentos ofensivos que antes me constituíam.

No entanto, me doar à poesia de modo que ela fosse me transformando foi um trabalho extremamente doloroso: antes eu precisei entrar em um combate individual e diário para, depois, lutar contra um mundo de preceitos que se depositava em mim todos os dias e em todos os lugares em que eu estava. Nesse processo de aquisição de uma nova identidade social eu precisei deixar muita coisa pelo caminho: pessoas, desejos, argumentos, verdades etc.

E todo esse trabalho se deu, sobretudo, porque por vezes eu não queria me modificar dado o tamanho do sacrifício que eu teria que enfrentar: deixei de fazer parte de grupos sociais que haviam feito parte da minha vida durante muitos anos, modifiquei amizades, entendi que nem sempre as referências mais próximas são úteis. Essa dificuldade, no fundo, acabou me dando muito mais segurança para hoje poder olhar para trás e compreender que as mudanças são possíveis e exigem muito de nós.

Nada é dado e acabado e, por isso, investir na transformação a partir da literatura é uma maneira extremamente prazerosa de buscar o desconhecido: além de enriquecer o vocabulário, a imaginação e a oratória você acaba se tornando alguém com um nível de humanidade muito maior.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início do texto eu havia prometido que trataria da importância da poesia na construção de um masculino menos ofensivo, mais respeitoso, mais humano que este tão denunciado na atualidade.

Para tratar dessa discussão é preciso, antes, reforçar a denúncia sobre o papel do homem de agora. Não que essa ideia do papel masculino seja uma forma de polarizar o gênero, mas, é preciso esclarecer que há um grande equívoco conceitual em relação ao que é “ser homem” e ao que é “não ser homem”.

Primeiro que ser homem não é privilégio algum: se for, de fato, tem sido porque essa construção social, cultural, histórica e política vêm se equivocando há tempos e com isso ferindo qualquer outra condição diferente desta; depois porque se há um papel dado ao homem isso se dá somente porque existe outro papel diferente e tão importante quanto o dele.

A insegurança social de um indivíduo qualquer pode estar ligada às mais diversas formas de inquietações, de transtornos e dúvidas. Parte dessa insegurança parece estar ligada à condição representativa do gênero x, y ou z. Por exemplo: há muito tempo se diz que rosa é cor de menina (mulher), azul de menino (homem) e assim se cultiva a referência desde o nascimento de um bebê – se o nascido for do sexo biológico macho, azul; se o nascido for do sexo biológico fêmea, rosa; se for intersexual, prevalecerá o conjunto corporal em destaque. Não há nada científico que comprove que tal gênero deva usar esta cor em detrimento daquela outra; o que há é uma invenção social de um determinado tempo que até hoje possui muita força entre os mais diversos grupos.

A utilização desta cor ou daquela outra garante ao indivíduo aceitação em determinados grupos: admite representação perante a família, à comunidade, aos desconhecidos e essas representações vão construindo a subjetividade de cada um. O contrário dessa aceitação é entendido como algo que provoque insegurança, medo e esquecimento. É bem verdade que isso acontece em muitas ocasiões, sobretudo em grupos mais conservadores, no entanto, essa não é a maneira mais adequada de lidar com a situação.

Essa condição de homem-macho-masculino é a mesma condição que estabeleceu e solidificou em nossa sociedade movimentos perigosos, patriarcais, misóginos, machistas, homofóbicos e detentores de diversas outras formas de preconceitos. É contra esses movimentos que a poesia romântica irá lutar mesmo que sem um anúncio declarado deste combate.

É porque a poesia vai se construindo na experiência diária da masculinidade e da feminilidade, da anormalidade e do convencional, da dúvida e da certeza, da razão e da emoção etc.; poesia parece precisar estar em todos os lugares para que ela seja possível de fato: ela precisa se enxergar para enxergar e só assim responder às expectativas de quem a escreve. Se tem alguém que seja masculino ou feminino em seu processo de criação isso não importa. O importante é que o seu criador esteja disposto a abrir mão de suas máximas absurdas, que ele esteja disposto a ser humilde, respeitoso, autêntico, “humano demais humano”.

Não nos restaria outra conclusão: precisamos reforçar que a poesia exerce um papel fundamental na construção do masculino (e do feminino) social. Ela é tanto auxiliadora como referência para aqueles que não estão dispostos a mudar: não será novidade entre os homens escutar que “poesia é coisa de mulherzinha” (sic). Esse é o entendimento mais superficial da relação entre gênero e poesia, portanto, pensamento que precisa ser aniquilado do discurso.

Salvamos e somos salvos com a poesia, com a literatura, com a matemática, com a filosofia, com o amor e com tantas outras ferramentas promotoras de inquietações. Não somos limitados a ponto de nos mantermos o mesmo desde sempre: a tal metamorfose anunciada no início desse texto precisa fazer parte da vida de todos nós.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. **As Primaveras**. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A, 1972.

COSTA, R. **Sociedade de Controle**. São Paulo em Perspectiva, 18(1): 161-167, 2004

FAZENDA, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. Diálogo sobre o poder. In FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 253-266.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14-36.

MUNIZ GARCIA, Diego Felipe. **Assédio, Abuso e Violência sexual contra a mulher nas universidades: quem é o verdadeiro culpado?**. Disponível em: [http://www.lapeade.educacao.ufrj.br/files/Eixo%204\\_Diversidade%20Sexual%20e%20Genero\\_pag%2045.pdf](http://www.lapeade.educacao.ufrj.br/files/Eixo%204_Diversidade%20Sexual%20e%20Genero_pag%2045.pdf) Acessado em: 10 maio 2017.

ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: editora Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº39).